

PROJETO DE PESQUISA

O novo protesto: Táticas de manifestação midiáticas em movimentos sociais contemporâneos

Érico Gonçalves de Assis

Trabalho de avaliação final da disciplina de Seminários de Pesquisa, ministrada pelos professores Dr. José Luiz Braga e Dra. Jiani Adriana Bonin no primeiro semestre de 2004.

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação / Universidade do Vale do Rio dos Sinos / São Leopoldo-RS

Apresentado em junho de 2004

**O novo protesto:
Táticas de manifestação midiaticizadas
em movimentos sociais contemporâneos
[PROJETO DE PESQUISA]**

Érico Gonçalves de Assis

Trabalho de avaliação final da disciplina de Seminários de Pesquisa, ministrada pelos professores Dr. José Luiz Braga e Dra. Jiani Adriana Bonin no primeiro semestre de 2004.

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação / Universidade do Vale do Rio dos Sinos / São Leopoldo-RS

Apresentado em junho de 2004

O tema que aqui apresento como objeto de pesquisa é o das novas táticas de manifestação em desenvolvimento nos movimentos sociais contemporâneos, que identifico como *o novo protesto*. Como proponho, estas novas táticas inserem-se na teoria da midiaticização, a qual aponta uma reconfiguração corrente da experiência humana – em diversos aspectos, incluindo, no caso, o discurso político – a partir de lógicas do campo das mídias.

O problema que construo a partir deste objeto está na tensão verificada entre a midiaticização e a ação social emancipatória praticada pelos movimentos. Os principais questionamentos que proponho são: em que pontos a midiaticização, como configuração social presente, afeta as táticas de comunicação/manifestação/protesto dos movimentos sociais? Isto prejudica ou contribui para as metas de transformação social destes movimentos? O novo protesto é uma evolução positiva da ação social?

A partir de um breve percurso teórico sobre a teoria da midiaticização, apresento seis pontos que configuram os movimentos contemporâneos e que trato como indícios de táticas midiaticizadas.

Midiatização

A midiatização, na visão de Rodrigues (1997; 2000), é o processo contemporâneo no qual verifica-se que os diversos campos sociais componentes da experiência moderna concedem ao campo dos media – conceito abstrato que abarca todas as instituições de mediação e suas funções de interligação mediada do espaço público – a legitimidade de por eles se expressar. Este processo não acontece por acaso, mas sim por uma necessidade de controle da fragmentação social inerente à modernidade.

O campo dos media (...) é uma noção abstracta com a qual se pretende dar conta de todo um conjunto de funções indispensáveis ao funcionamento de uma sociedade dividida e confrontada com a necessidade de assegurar, apesar de tudo, uma relativa homogeneidade da sua estrutura e um entendimento acerca dos seus princípios, objectivos, prioridades e modalidades de acção. (RODRIGUES, 1997: 153)

Por assumir esse papel de mediador, de contato entre as instituições de outros campos e os indivíduos, o campo dos media assume uma função delegada de representação dos primeiros. Assume o papel de figura que representa, que fala por, que está no lugar do campo científico, do campo jurídico e de outros.

A natureza vicária do campo dos media tem a ver com a delegação por parte dos outros campos de uma parte das suas funções expressivas, daquelas que dizem respeito à inscrição da sua ordem no espaço público, da componente exotérica das respectivas funções expressivas. (RODRIGUES, 1997: 156)

Esta delegação tem, por consequência, também uma adoção das lógicas que regem o campo dos media. Quando as instituições de outros campos concedem àquele o poder de por elas se comunicar-se, necessariamente estão inserindo-se em um jogo onde seus valores entram em conflito com os valores intrínsecos às mídias – Rodrigues identifica estes valores como sendo de *transparência* e *dessacralização* (1997: 157). Tendo o campo midiático esta função de agregar o corpo social fragmentado, realiza tal processo guiado por estes valores, tornando-os ubíquos à experiência social como um todo.

Não seguir tais valores, ou seja, não obedecer à regra do jogo, implica em sanções também já instituídas. “O campo dos media tem à sua disposição a privação da publicidade para os que não se sujeitam à sua ordem de valores de mediação e não

cumprem as regras de seu discurso” (RODRIGUES, 2000: 204). Não entrar no jogo, por sua vez, como já se viu, é simplesmente impraticável para as instituições dentro da configuração social moderna.

O corpo social do campo dos media tende assim a ser considerado com desconfiança por parte dos corpos dos campos sociais especializados, que o acusam de atrair a especificidade do seu saber, sempre que os publicitam. Mas, por outro lado, os corpos acreditados dos campos sociais especializados precisam cada vez mais da publicitação do seu saber, por parte do campo dos media, para assegurarem a visibilidade da sua própria legitimidade. (RODRIGUES, 2000: 207)

Vê-se, então, como primeira característica importante para os fins deste trabalho a natureza da mediação como jogo desequilibrado no qual a preponderância do campo dos media delimita valores pelos quais os campos sociais devem guiar-se para estabelecer contato com a sociedade. As mídias, assim, homogeneizam a experiência como necessariamente vinculada aos valores que as regem.

A segunda característica da mediação que interessa ao presente trabalho está no caráter discursivo que ela impõe ao ritmo social.

Pelo facto de suas funções serem fundamentalmente o resultado da delegação de uma parte das funções expressivas dos restantes campos sociais, das que tem a ver com a necessidade de composição dos objectivos e dos interesses divergentes que prosseguem no mundo moderno, o campo dos media é fundamentalmente um campo em que as funções expressivas predominam sobre as funções pragmáticas. É um campo em que o dizer prevalece sobre o fazer; a importância destas funções faz com que o discurso assumna na modernidade uma posição central na estrutura do tecido social. (RODRIGUES, 1997: 158)

Mesmo que o autor venha posteriormente a reformular sua posição quanto ao debate pragmática versus discurso, ressaltando que a prática discursiva não deixa de ser uma ação¹, interessa-nos a consideração de que o discurso tem posição central na experiência contemporânea mediada. Prevaecem as imagens, as construções e o virtual sobre o fazer e o concreto.

Verifica-se, inclusive, que a grande diferenciação presente no novo protesto está justamente na metamorfose das práticas discursivas, que assumiram posição mais elevada na organização dos movimentos sociais. Em certo sentido, pode-se dizer que há

¹ “Mas o discurso não se limita, no campo dos media, a expressar os valores e as regras de comportamento que cria e impõe; assume uma função eminentemente pragmática, na medida em que a sua prática dominante consiste num conjunto de actos de linguagem. Equivale, por isso, a um fazer, a uma intervenção dotada de efeitos que se repercutem sobre o conjunto dos outros domínios da experiência e sobre os campos sociais que exercem sobre ele o seu domínio competente.” (RODRIGUES, 2000: 203)

uma prevalência do discurso que reveste tais novos movimentos, que pode acabar por tornar-se mais importante que a transformação concreta que almejam. Buscarei apresentar alguns exemplos deste processo na conceituação destas novas manifestações a seguir.

Referenciais sobre o Novo Protesto

Da perspectiva que tenho intenção de aborda-lo, o novo protesto é composto por seis características-chave indissociáveis e inter-relacionadas:

- em primeiro lugar, está sua *organização em rede*, que privilegia a facilidade (para indivíduos) de integração ao movimento e a participação movida para um fim;

- em segundo, sua *integração às novas tecnologias* de comunicação, no sentido em que estas lhe abrem novas possibilidades de produção, organização e circulação;

- em terceiro, o *caráter lúdico-artístico* das manifestações, que se apresenta no lugar de protestos movidos por violência e agressividade;

- em quarto, a perspectiva de *“sabotagem da mídia”*, jogando dentro de regras dos meios de comunicação estabelecidos para obter visibilidade midiática através dos mesmos;

- em quinto lugar, seu *internacionalismo*, pregando que os problemas de um mundo de mercados interconectados não se restringem a um espaço geográfico determinado, mesmo que possam apresentar-se a partir de um;

- e, por último, uma atitude de *pragmatismo* que prega o achatamento das instâncias de decisão política, visando maior poder às pessoas para influenciar a resolução das questões, tanto locais quanto internacionais, que afetam sua vida.

Diversos autores das ciências sociais já debruçaram-se sobre este assunto. Do outro lado, os próprios movimentos representantes do novo protesto demonstram um pensar constante de suas práticas.

“Como bloqueamos a OMC”², o relato da ativista Starhawk (2000) sobre a forma de atuação da Direct Action Network – grupo de ação direta não-violenta – durante a manifestação de Seattle contra a Organização Mundial do Comércio, em novembro de 1999, é um rico exemplo dos benefícios que a organização em rede traz aos movimentos. A partir de “acordos estabelecidos em comum” (“abster-se de

² Também disponível em <http://www.starhawk.org/activism/shutdownWTO.html> (acesso em 28/06/2004).

violência física ou verbal, não portar armas, não portar ou consumir drogas ilícitas ou álcool e não destruir bens privados”) e a estruturação dos manifestantes em “grupos de afinidade e *clusters*”, diversas células de ação tinham autonomia para manifestar-se como quisessem (dentro dos acordos) e responsabilizavam-se por tomar determinadas áreas estrategicamente delimitadas ou substituir outros grupos que a polícia tivesse rechaçado. “Na prática, esse modo de organização significava que os grupos podiam se deslocar e reagir com muita flexibilidade durante o bloqueio”.

O depoimento de Starhawk serve como um dos principais pontos da análise sistemática desenvolvida pelos teóricos da Rand Corporation David Ronfeldt e John Arquilla (RONFELDT e ARQUILLA, 2001, online) a respeito da “guerra em rede” (*netwar*) e das formas de organização em rede não só do novo protesto, mas também de redes terroristas e de extrema direita. A partir de um entendimento da eficiência das redes como um investimento de “capital social”, os pesquisadores isolam cinco níveis variáveis que determinam o desenho e a performance otimizada destas redes:

- Nível organizacional – seu design organizador;
- Nível narrativo – a história que é contada;
- Nível doutrinário – as estratégias e métodos colaborativos;
- Nível tecnológico – os sistemas informacionais em uso;
- Nível social – os laços pessoais que asseguram lealdade e confiança.³

Cada um dos níveis recebe atenção pormenorizada ao longo do trabalho de Arquilla e Ronfeldt. Porém, opto por não fazer este detalhamento aqui em função de limites de espaço.

Enquanto os autores norte-americanos concluem que, por um lado, o governo dos EUA deve aprender com e integrar-se às formas de mobilização social de ONGs⁴ e, por outro, promover reestruturações no seu sistema de defesa para adequar-se à lógica

³ Tradução nossa de
“*Organizational level – its organizational design*
Narrative level – the story being told
Doctrinal level – the collaborative strategies and methods
Technological level – the information systems in use
Social level – the personal ties that assure loyalty and trust”

⁴ “*Learning not only to live but also to work with NGOs to create new governance schemes for addressing social problems is becoming the cutting edge of policy and strategy. It would seem advisable for the United States to take the lead at this – possibly in connection with newly emerging concepts about ‘information engagement’.*”

das redes terroristas⁵, o pesquisador brasileiro Henrique Antoun (2001) ressalta as condições propícias criadas na Internet para formas de atuação democrática.

O entendimento das redes nos permite, hoje, devolver ao pensamento a realidade do espaço, sua cidadania real no seio do mundo, afirmando que o assim chamado “espaço real” é apenas um caso do ciberespaço, e que o espaço virtual é aquele que de fato nós sempre habitamos. Nele, uma democracia torna-se possível porque a multidão armada pelas tecnologias informacionais da comunicação e comunicação mediada por computador faz o problema da cidadania pós-moderna e da segurança pública convergirem na direção da organização das comunidades virtuais, apontando na direção de um novo pacto democrático. (ANTOUN, 2001: 184-185)

Embora grande parte da bibliografia encontrada a respeito da integração às novas tecnologias por parte dos movimentos sociais centre-se, como Antoun, nas possibilidades de organização e circulação propiciadas majoritariamente pelos recursos da Internet⁶, insere-se na característica tecnológica o uso acelerado de recursos de produção de mídia. A partir da década de 1990, com avanços tecnológicos e penetração social de tecnologias como o computador pessoal mais potente, câmeras de fotografia e vídeo digitais, antenas para difusão radiofônica e outros recursos, os ativistas não apenas podem produzir peças gráficas e criar estações de rádio, mas também adequar esta produção a condições estéticas similares às das grandes mídias, o que a tecnologia anterior limitava.

Ou seja, enquanto os samizdat⁷ servem como retrato extremo das tecnologias disponíveis aos antigos ativistas, o ativista contemporâneo pode valer-se de uma variedade de aparatos para criar, publicar e fazer circular suas mensagens. Na prática do *culture jamming* – da qual um dos exemplos é a colagem de elementos de deturpação de sentido (novas palavras ou novas imagens) sobre outdoors – os próprios manifestantes estão conscientes das possibilidades abertas pelas novas tecnologias, como demonstra o ativista Jorge Rodriguez de Gerada:

⁵ “The real work needs to be done in developing an innovative concept of operations and building the right kinds of networks to carry off a swarming campaign against networked terrorists.”

⁶ Ver, por exemplo, a larga bibliografia sobre a utilização da Internet pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional, como em RUBIM, 1997, e CLEAVER, 1998.

⁷ Publicações independentes clandestinas na antiga União Soviética. “Os samizdat consistiam em folhas de papel datilografadas, geralmente cópias em carbono borradas, que utilizavam todo o espaço da página, sem margens nem espaços brancos em cima ou embaixo. O preço para ter acesso a um desses documentos era a promessa de redatilográ-lo com múltiplas cópias em carbono para outros leitores.” (DOWNING, 2002: 451-452)

Eu conheço tantas técnicas diferentes que faço parecer que o anúncio foi reimpresso com a nova mensagem, ao contrário de alguém que venha pichar o outdoor. (...) A tecnologia nos permite utilizar a estética da Madison Avenue contra ela mesma. Este é o aspecto mais interessante neste novo pessoal que usa essa tática de guerrilha, porque é a isso que a geração MTV se acostumou – tudo é chamativo, tudo é brilhoso e limpo. Se você se dedicar a fazer algo bonito, sua mensagem não vai passar em branco.⁸

Esta preocupação com as formas, como aponta a declaração de Gerada, já é um indício da midiaticização exercendo seu papel sobre o novo protesto, e reconfigurando as necessidades que os movimentos devem atender para serem ouvidos. A estética vem da própria mídia estabelecida, confunde-se (intencionalmente, no caso do *culture jamming*) com esta. A confusão, porém, pode funcionar como recuperação ou diluição dos movimentos por parte da mídia – a tática de “mostrar para abafar”, como a define Guareschi (1982: 53): “Diluição é uma estratégia pela qual o protesto converte-se em impostura: consiste em banalizar um fenômeno estranho ao corpo social, ou um sintoma de mal grave, de tal modo que ele apareça como um incidente isolado, separado do seu contexto social.”

Os indícios de midiaticização aumentam na análise da terceira e quarta característica, o caráter lúdico-artístico e a “sabotagem da mídia”. As duas táticas funcionam em conjunto: transformar as manifestações em festa, em brincadeira, irreverência e espetáculo, ressignifica os movimentos perante o grande público, que os via carregados do caráter violento e agressivo, e chama atenção das câmeras de foto e vídeo da grande mídia. “A tática de ação direta sem uso de violência (...) forneceu bom material para reportagem, principalmente considerando-se que os noticiários sempre exigem imagens novas”, coloca Castells (1997: 161) a respeito do movimento ambientalista, que desde a década de 70 realiza atos espetaculares para chamar a atenção para as questões que quer colocar em debate. Dias (2004: 5) vê o mesmo no que identifica como Movimento de Resistência Global:

A ação do protesto de rua dos Movimentos de Resistência Global é embebida na gramática midiática. A forma como os Movimentos organizam o ambiente de suas manifestações – com música, cor, fantasias, teatro de rua, dança, faixas, bonecos – parece demonstrar a presença de novas formas de militância que possuem os protocolos da mídia como lógica de ação, ou seja, a presença da

⁸ Citado em KLEIN, 1999: 285-286. Tradução nossa de “*I know so many different techniques that make it look like the whole ad was reprinted with its new message, as opposed to somebody coming at it with a spray-paint can. (...) The technology allows us to use Madison Avenue aesthetics against itself. That is the most important aspect of this new wave of people using the guerilla tactic, because that's what the MTV generation has become accustomed to – everything's flashy, everything's bright and clean. If you spend time to make it cleaner it will not be dismissed.*”

dramaticidade, da teatralidade, da encenação nas ações dos ativistas constituem elementos importantes para o jogo midiático.

Rubim (2000: 58), por sua vez, vê tais estratégias como uma necessidade do jogo político contemporâneo:

Buscar e produzir “efeitos de mídia” nos acontecimentos de rua, praça, parlamento etc. aparece como dispositivo fundante para a produção de sentidos políticos na atualidade. Um ato vale politicamente não só pelo efeito induzido nas suas circunstâncias convivenciadas, mas primordialmente pelas repercussões que reproduz à distância na realidade-mundo, através da mediação operada pela comunicação midiática. Em outras palavras: ele vale, em boa medida, pelo “efeito de mídia” que se consegue “introduzir” no ato político. Diferente do ato político moderno produzido para repercutir na rua, o ato político sintonizado com a contemporaneidade, como sociabilidade compósita, deve ser produzido para repercutir na rua e na tela, na realidade contígua e na telerrealidade.

Os próprios ativistas têm consciência de que estão organizados para criar “efeitos de mídia”. Luca Casarini, porta-voz do grupo italiano Tute Bianche – que participou das manifestações de Seattle (durante reunião da OMC), Gênova (durante reunião da cúpula do G8) e outras –, retrata este relacionamento com a mídia em falas (PEDEMONTE, 2001: 12-13) como “Temos alguns especialistas em comunicação. Sabemos o que precisamos fazer para que falem de nós” e “Usamos as linguagens vencedoras, aquelas que chegam até as pessoas. Não é por acaso que Hollywood vence. Esta é a sociedade da comunicação. Não podemos ignorar os códigos.”

Também bastante demonstrativo da organização que os movimentos assumem perante a mídia, John Sellers (2001: 75), diretor da Ruckus Society – outro grupo participante das manifestações de Seattle, Washington (reunião do FMI e do Banco Mundial) –, responde em uma entrevista sobre o treinamento midiático de sua organização:

São idéias básicas sobre a mídia para ativistas: como escrever um bom press release; como tornar sua matéria contundente; como identificar e desenvolver laços amigáveis com a mídia. Mas a coisa mais importante que ensinamos é como destilar temas de campanha bastante complexos em mensagens simples, que consigam passar através do filtro da mídia corporativa e chegar do outro lado, às casas do público americano ou global, em uma forma que ainda poder-se-ia considerar eficiente – e que possa começar a criar a vontade política que precisaremos para virar o jogo.⁹

⁹ Tradução nossa para “*It’s mostly nuts and bolts of media for activists: how to write a good press release; how to flack your story; how to identify and develop friendly media ties. But the most important thing we teach is how to distill very complex campaign themes into very simple messages, that can pass through the filter of corporate-*

Pela soma de fatores que configuram estes novos movimentos, é Castells que propõe uma conclusão otimista a respeito de mobilizações como a do movimento ambientalista, que carrega todas as características colocadas até aqui. O novo protesto estaria agindo sobre o imaginário popular e ressignificando as necessidades e as possibilidades para a resolução de problemas sociais.

É esse pragmatismo, essa atitude que procura dar ênfase à resolução de questões, que vem proporcionando ao ambientalismo uma vantagem em relação à política internacional: as pessoas percebem que são capazes de exercer influência sobre decisões importantes aqui e agora, sem que para isso seja necessário qualquer tipo de mediação ou postergação. Não há distinção entre os fins e os meios. (CASTELLS, 1997: 163)

Observação

O esquema de observação que pretendo adotar para o projeto leva em conta apenas fontes documentais referentes aos movimentos que analisarei.

Há uma vasta bibliografia de referência sobre o assunto (ver Anexo 1), à qual diariamente são adicionados novos livros, artigos em jornais e revistas e mesmo filmes¹⁰. Além destes, há websites de atualização frequente (como www.adbusters.org, www.starhawk.org, www.ezln.org, www.midiaindependente.org, www.indymedia.org e www.nologo.org) que provêm notícias e depoimentos da parte dos próprios movimentos.

A intenção é reunir uma grande quantidade de material de referência sobre movimentos sociais globalizados de forma a permitir a aplicação dos referenciais desenvolvidos em conjunção com a teoria existente.

controlled media and still make it out the other side into the homes of the American or global public, in a form that you would still consider effective – and can begin to create the political will we need to turn these things around.”

¹⁰ Entre estes, estão os documentários *This is What Democracy Looks Like* (Jill Friedberg e Rick Rowley, 2000) e *The Corporation* (Jennifer Abbott e Mark Achbar, 2003).

Objetivos

Tenho como objetivo geral do trabalho verificar a tensão entre mídiatização e ação social emancipatória e analisar o resultado desta tensão nos objetivos de transformação social do ativismo.

Entre os objetivos específicos, apresento:

- Relacionar elementos que configuram a mídiatização e verificar sua presença ou ausência no novo protesto;

- Construir um conceito do “novo protesto” a partir das seis características-chave apresentadas (integração às novas tecnologias, organização em rede, caráter lúdico-artístico, “sabotagem da mídia”, internacionalismo e pragmatismo);

- Verificar procedimento de diluição e recuperação, da forma como são definidos teoricamente, na relação entre ação social e mídias.

Bibliografia Citada

ANTOUN, Henrique. “A Multidão e o Futuro da Democracia na Cibercultura”, in FRANÇA, Vera, WEBER, Maria Helena, PAIVA, Raquel e SOVIK, Liv. **Livro do XI COMPOS**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

CLEAVER, Harry. “Os Zapatistas e a Teia Eletrônica da Luta”, in *Lugar Comum* no. 4, pp. 139-163. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.

DIAS, Renata de Souza. “A Emergência de um ator político midiático: movimentos de resistência global na intersecção do campo político e do campo midiático”. Projeto de qualificação apresentado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos em 10 de maio de 2004.

DOWNING, John. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Senac, 2002.

GUARESCHI, Pedrinho. **Comunicação e Poder**. Petrópolis: Vozes, 1982.

KLEIN, Naomi. **No Logo: taking aim at the brand bullies**. New York: Picador USA, 1999.

PEDEMONTE, Enrico. “Minha luta no Império. Impedir o G8 de Gênova sem quebrar uma vidraça sequer. Com armas medievais, provocações e fantasias (entrevista com Luca Casarini)”, in *Lugar Comum* no. 13-14. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias de Comunicação**. Lisboa: Presença Editorial, 1997.

RODRIGUES, Adriano Duarte. “A Gênese do Campo dos Media”, in SANTANA, R.N. (org.). **Reflexões sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

RONFELDT, David e ARQUILLA, John. “Networks, Netwars and the Fight for the Future”, 2001. Disponível em http://www.firstmonday.dk/issues/issue6_10/ronfeldt/ (acesso em 14 de maio de 2004)

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Comunicação e Política**. São Paulo: Hacker, 2001.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. “Neozapatismo: Política na Idade Mídia”, in *Contexto Internacional* vol. 19, n. 1. Rio de Janeiro: Instituto de Relações Internacionais da PUC-RJ, jan/jul 1997.

SELLERS, John. “Raising a Ruckus”, in *New Left Review* no. 10, pp. 71-85. London: New Left Review, julho-agosto de 2001.

STARHAWK. “Como bloqueamos a OMC”, in *Lugar Comum* no. 11, pp. 9-14. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2000.

Bibliografia consultada

ANTOUN, Henrique. “Jornalismo e Ativismo na Hiperídia”, in *Revista da FAMECOS* no. 16, pp. 135-147. Porto Alegre: EDIPUCRS, dezembro 2001.

BERGER, Christa. **Campos em Confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

BEY, Hakim. **TAZ – Zona Autônoma Temporária**. São Paulo: Conrad, 2001.

- CLEAVER, Harry. "Cyberspace and the End of Foreign Policy". Disponível em http://flag.blackened.net/revolt/mexico/comment/cleaver_zap_effect_dec97.html (acesso em 17/05/2004).
- DEBORD, Guy. "*Methods of Détournement*". Disponível em <http://library.nothingness.org/articles/SI/en/display/3>. Acesso em 10/04/2002.
- DEBORD, Guy. "*Perspectives for conscious Alterations in Everyday Life*". Disponível em <http://library.nothingness.org/articles/SI/en/display/89>. Acesso em 10 de abril de 2002
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FEITO, Manuela Valades. "O espaço e o tempo no discurso zapatista", in *Lugar Comum* no. 4, pp. 97-113. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.
- GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais**. São Paulo: Loyola, 2002.
- GUARNACCIA, Matteo. **Provos: Amsterdam e o Nascimento da Contracultura**. São Paulo: Conrad, 2001.
- HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. "*Manifestantes querem Globalização alternativa*". In Folha de S. Paulo, 21 de julho de 2001, caderno Dinheiro, p. 3.
- HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. **Império**. São Paulo: Record, 2001.
- HIMANEN, Pekka. **A Ética dos Hackers e o Espírito da Era da Informação**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- HOME, Stewart. **Assalto à Cultura**. São Paulo: Conrad, 1999
- INTERNACIONAL SITUACIONISTA. **Situacionista: Teoria e Prática da Revolução**. São Paulo: Conrad, 2002.
- JAPPE, Anselm. **Guy Debord**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MORAES, Dênis de. **Por uma Outra Comunicação: Mídia, Mundialização Cultural e Poder**. São Paulo: Record, 2003.
- RUBIM, Antonio Albino Canelas. "O Lugar da Política da Sociabilidade Contemporânea", in PRADO, José Luiz Aidar e SOVIK, Liv. **Lugar Global e Lugar Nenhum**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.
- SEVCENKO, Nicolau. **A Corrida para o Século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SKLAIR, Leslie. "Social Movements and Global Capitalism", in JAMESON, Fredric e MIYOSHI, Masao. **The Cultures of Globalization**. Duke University Press, 1998.
- STEELE, Cynthia. "Zapata at the Close of the Century: Hybrid Cultures, Neoliberalism, and the Recent Mayan Uprising in Chiapas", in UNESCO Chair on Sustainable Development / UFRJ / EICOS. **Social Development: Challenges and Strategies**. Rio de Janeiro: UNESCO, 1995.
- VANEIGEM, Raoul. **A Arte de Viver para as Novas Gerações**. São Paulo: Conrad, 2002.
- VERON, Eliseo. "Esquema para el análisis de la mediatización". In *Diálogos*. Lima: FELAFACS (s/d).
- ZIZEK, Slavoj. "Resistência entre Quatro Paredes", in Folha de S. Paulo, 27 de julho de 2003, caderno Mais!, páginas 8-9.

ANEXO 1

Bibliografia para observação

- AGUITON, Christophe. *O Mundo nos Pertence*. São Paulo, Viramundo: 2002.
- BOVÉ, José. *O Mundo não é uma Mercadoria: Camponeses contra a Comida Ruim*. São Paulo: UNESP, 2001.
- BRIGE, Marco F. e FELICE, Massimo di. **Votán-Zapata: a marcha indígena e a sublevação temporária**. São Paulo: Xamã, 2002.
- CHRISPINIANO, José. *A Guerrilha Surreal*. São Paulo: Conrad, 2002.
- CLEAVER, Harry. “Os Zapatistas e a Teia Eletrônica da Luta”, in *Lugar Comum* no. 4, pp. 139-163. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.
- DOWNING, John. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Senac, 2002.
- FELICE, Massimo di e MUÑOZ, Cristobal (org.). **A Revolução Invencível: Subcomandante Marcos e Exército Zapatista de Libertação Nacional: Cartas e Comunicados**. São Paulo: Boitempo, 1998.
- GOHN, Maria da Glória. “De Seattle a Gênova”. In Folha de S. Paulo, 27 de janeiro de 2002, caderno Mais!, pp. 14-15.
- GOHN, Maria da Glória. “Movimentos Sociais na Atualidade”, in GOHN, Maria da Glória (org.). **Movimentos Sociais no Início do Século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- KLEIN, Naomi. **Cercas e Janelas: na Linha de Frente do Debate sobre Globalização**. São Paulo: Record, 2003.
- KLEIN, Naomi. **No Logo: taking aim at the brand bullies**. New York: Picador USA, 1999.
- KLEIN, Naomi. “Reclaiming the Commons”, in *New Left Review* no. 9, pp. 81-89. London: New Left Review, maio-junho de 2001.
- LASN, Kalle. **Culture Jam: how to reverse America’s suicidal consumer binge - and why we must**. New York: HarperCollins, 2000.
- LUDD, Ned (org.). *Urgência das Ruas*. São Paulo: Conrad, 2002.
- MÁRQUEZ, Gabriel García e POMBO, Roberto. “The Punch Card and the Hour Glass (interview with Subcomandante Marcos)”, in *New Left Review* no. 9, pp. 69-79. London: New Left Review, maio-junho de 2001.
- OLIVEIRA, Francisco de. “Landless Battalions: The Sem Terra Movement of Brazil”, in *New Left Review* no. 15, pp. 77-104. London: New Left Review, maio-junho de 2002.
- PEDEMONTE, Enrico. “Minha luta no Império. Impedir o G8 de Gênova sem quebrar uma vidraça sequer. Com armas medievais, provocações e fantasias (entrevista com Luca Casarini)”, in *Lugar Comum* no. 13-14. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.
- SELLERS, John. “Raising a Ruckus”, in *New Left Review* no. 10, pp. 71-85. London: New Left Review, julho-agosto de 2001.
- STARHAWK. “Como bloqueamos a OMC”, in *Lugar Comum* no. 11, pp. 9-14. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2000.
- STYCER, Mauricio. “Os novos Rebeldes”, in Folha de S. Paulo, 09 de fevereiro de 1997, caderno Mais, pp. 1-9.

COMENTÁRIOS

Prof. José Luiz Braga

Entra diretamente no tema e na sua problematização – o que parece ser positivo. A questão “prejudica ou contribui” precisa ser refletida/elaborada. Como certamente as próprias metas se modificam, é difícil ter uma possibilidade de comparação valorativa simples.

Se me situo do ponto de vista das metas anteriores, por definição “prejudica” – não porque seja processo menos eficaz, mas porque as metas são abandonadas ou redirecionadas, de tal forma que o caminho se torna outro. Nesse ponto de vista só resta, portanto, lastimar o “desvio”. Mas não se faz pesquisa para defender um ponto de vista, e sim para saber o que está acontecendo. Um dos problemas (mais que decidir a validade ou não de formas de protesto) é entender que outras metas se colocam (e como) – que certamente podem ser “julgadas” em confronto com as anteriores. Mas não apenas para afirmá-las melhores ou piores, e sim para assinalar o seu *sentido* (na dupla perspectiva de “significado” e “direção”).

As referências teóricas sobre mediatização são pertinentes e bem relacionadas com o objeto.

A caracterização do que a pesquisa assumirá como “novo protesto” está bem apresentada.

Eu sugeriria um reordenamento seqüencial das características – para distinguir relevâncias e permitir agregações. Assim, os pontos 3, 4 e 6 me parecem caracterizadores estruturais – e viriam respectivamente em primeiro, segundo e terceiro lugar. Os atuais 1 e 2 parecem-me operacionais e viriam em seguida. O 5 seria o último, como caracterizador contextual. Além disso, sugeriria o acréscimo (em quarto lugar) de mais um caracterizador estrutural: o experimentalismo. É este caracterizador que permite a agregação em um conceito abrangente (“novo protesto”) da diversidade entre as experiências – diversidade que certamente deve ser levada em conta na investigação.

Apesar destes detalhes, sua caracterização do objeto permite em seguida um bom texto reflexivo e de referências bibliográficas. Por outro lado, as decisões de observação aparecem ainda muito preliminares. Particularmente, tenho dúvidas sobre o trabalho “apenas [com] fontes documentais referentes aos movimentos”.

Certamente as múltiplas “falas” sobre o objeto (bibliográficas ou testemunhais) são o material mais disponível e variado – o que as faz pertinentes. Mas a hipótese de uma observação “ao vivo” pareceria solicitada por um objetivo de investigação “em primeira mão” – uma vez que o assunto parece ainda recente para ter uma grande sedimentação histórica. De todo modo, incluindo-se ou não um caso ao vivo (é preciso pensar na questão da viabilidade), será preciso refletir sobre as opções de coleta de dados e sobre os desenhos e limites correspondentes à opção feita.

Os objetivos estão ainda em fase preliminar. O primeiro parece-me acanhado (presença ou ausência de elementos de mediação). Poderia ser desenvolvido em direção à busca de formas e procedimentos *variáveis* de mediação.

O segundo, sim, é um bom objetivo abrangente (precisa, apenas, de futura operacionalização).

O terceiro é certamente um ângulo possível (ainda vago) entre outros – pode, portanto, ser complementado.

Profa. Jiani Adriana Bonin

O trabalho final do aluno revela avanços na construção do projeto de pesquisa, que comento a seguir. Em termos de **construção do problema**, noto um avanço na construção de questões problema de natureza comunicacional. A primeira questão apresentada na página 2 é a meu ver muito promissora como problema de pesquisa que relaciona as táticas do novo protesto aos processos midiáticos; creio que aí há uma questão bem promissora para fundar um problema de pesquisa. As questões seguintes tem tom mais avaliativo do que propriamente de investigação e, se permanecerem como angulações, a meu ver precisariam ser redesenhadas. De qualquer forma, reitero a visão de que a primeira questão me parece bem fértil para fundar o problema da pesquisa.

Valeria a pena investir na construção da justificativa do projeto de pesquisa, que pode ser construída levando em conta sua relevância científica e a relevância social do fenômeno a ser investigado.

Em termos de **problematização teórica**, identifico um fértil movimento de problematização no encontro com o conceito de mediatização, que já traz elementos de tensionamento para a especificidade do objeto empírico. Vale investir mais no domínio do conceito, via outros autores também e realizar reconstruções para a especificidade do seu problema/objeto. O item *referenciais* também me parece fértil para contextualizar e problematizar o objeto/ problema, e vejo um movimento particularmente interessante no sentido de extrair indícios de mediatização dos autores/fontes/materiais trabalhados.

Em se tratando dos procedimentos metodológicos de observação, a proposta é trabalhar apenas com fontes documentais. Não há ainda especificação de um *corpus* de fontes nem movimentos no sentido de desenhar dimensões de observação concretas. Sobre a proposta de trabalhar com fontes documentais, é certamente um procedimento metodológico importante em pesquisa. Entretanto me pergunto se, ao abdicar da observação empírica direta de um ou mais movimentos, não se estaria restringindo as possibilidades de compreensão do problema nas suas especificidades, na complexidade da sua configuração e perdendo a potencialidade que uma pesquisa empírica direta daria para desenvolver esse belo trabalho que vejo se configurando.

Percebo no item referências bibliográficas um bom levantamento de obras para estudo, o que é muito positivo.

Você viu esse texto em
<http://www.pontomidia.com.br/erico/rodape/ericoassis - o novo protesto.pdf>

Érico Assis
ericoassis@uol.com.br